

ORTIZ, Juan Carlos. **O discípulo**. Betânia, 1980. 6 ed. 173p. Resumido por JLHack em março de 2001. [Livro prático, com inúmeros exemplos do cotidiano. Enfatiza a necessidade do retorno ao evangelho do Reino, aos conceitos do senhorio de Cristo e de nossa sujeição a ele.]

Parte 1: O vinho novo

1. O quinto evangelho

A palavra “senhor” (Lc 6.46) não tem hoje o mesmo significado da época de Jesus: *kurios* (minúsculo) era usado pelos escravos para seus amos e *Kurios* (maiúsculo) era usado somente para César. Quando os cristãos diziam “Jesus é o Senhor”, afirmavam estar sujeitos a Cristo mais do que a César. Este é o evangelho do Reino, que apresenta Jesus como Rei e Senhor (At 2.36). Nestes últimos tempos tem sido pregado um outro evangelho, de venda fácil, em que o homem é a figura mais importante. Pede-se às pessoas que aceitem Jesus para serem felizes, o culto é centralizado nas necessidades dos ouvintes, o louvor e as orações falam do que recebemos e queremos. É como a lâmpada de Aladim: achamos que Jesus está à disposição para fazer nossas vontades. Não é uma questão de vocabulário, mas sim de atitudes e valores. A oração dos apóstolos (At 4) era centralizada em Deus (e não no eu). Este 5º evangelho surge da escolha de certas passagens dos evangelhos que não enfatizam o senhorio de Jesus, deixando alguns mandamentos dele como “opcionais”.

2. O evangelho do Reino

A salvação não significa apenas libertação de nossos fardos (Mt 11.28-29), pois recebemos o jugo de Cristo em substituição. Jesus se colocava diante das pessoas como Senhor e exigia delas a escolha entre obedecê-lo ou não. Assim foi com Zaqueu, Mateus, o jovem rico, o que queria enterrar o pai (Lc 9.59) e o que queria se despedir da família. Não podemos castigar alguém se não aceita um pedaço de bolo que oferecemos. Mas o arrependimento não é um convite, é uma ordem e os que a desobedecem receberão o castigo. Salvação é colocar-se em submissão a Cristo. Não podemos parcelar em suaves prestações as exigências do evangelho. Jesus nos ordena a buscar em primeiro lugar o Reino – tudo o que fazemos (trabalho, estudos) visa primeiramente estender este Reino.

3. Servos

Lc 17.7-10 fala do nosso papel como escravos de Cristo. O escravo não tem mais identidade, não tem paga pelos serviços, não tem liberdade de ação ou direito de escolha. Jesus morreu para ser Senhor sobre nossas vidas (Rm 14.7-9; 2Co 5.15), para nos transferir do domínio do diabo para o seu domínio (Rm 6.18; Cl 1.13). Não há um terceiro caminho entre o estreito e o largo. Mas para mudar de um reino para outro, precisamos nos apropriar da obra de Cristo através do batismo, morrendo e ressuscitando com ele.

4. Vivendo no Reino

Em Mt 16.24-25 Jesus ensina que temos que perder a vida para salvá-la. Isto quer dizer que tudo que temos (incluindo relacionamentos e nós mesmos) tem que ser entregue em troca da pérola que é Cristo (Mt 13). O Senhor nos permite usar o que lhe entregamos, mas é dele. Somos apenas mordomos. Ap 3.15-16 ensina que Jesus vomitará os que não foram bem “digeridos”, isto é, não se dissolveram e se tornaram partes do seu corpo. Somos nós os escravos e não Jesus. E quando fizermos tudo o que ele ordenou, receberemos o diploma de “servos inúteis”.

5. O oxigênio do Reino

O amor é o elemento que define a vida cristã (Jo 13.34-35). Andar na luz é sinônimo de amar os irmãos (1Jo 2.10-11; 1.7). As trevas comunicam solidão, mas a luz traz comunhão. O amor comprova nossa salvação (1Jo 4.7-8; 3.14). Não são os dons que indicam a espiritualidade de alguém – é quanto ele ama. É pelos seus frutos (Mt 7.20), é pelo fruto do Espírito (Gl 5.22).

6-8. Amor

O amor mínimo requerido dos homens é o amor ao próximo (Lv 19.18). Devo desejar para meu próximo o que desejo para mim também. Não são todos os próximos, mas o meu próximo. Nossas boas obras evidenciam a existência do amor. Este deve ser prático e não místico. Jo 13.34 estabelece um novo nível de amor: amar aos irmãos como Jesus nos amou. Ele deu sua vida por nós. Isto implica em arranjarmos tempo para amar os outros (1Jo 3.16). Amar é uma ordem, só precisamos obedecer. O 3º grau de amor é o da Trindade (Jo 17.26). É um amor eterno, para pessoas maduras. Nada o ofende pois são um só. Temos que ser unidos como batatas em um purê.

9-10. A linguagem do Reino

Precisamos louvar a Deus pelos seus feitos, não apenas com expressões de júbilo repetidas sem sentido (como “Aleluia”, etc). Devemos procurar fatos e experiências em nossas vidas pelos quais podemos louvar a Deus. Alguns passam o tempo se queixando – isto é falar a linguagem das trevas. Estes só sabem algumas palavras da linguagem do Reino, mas não o idioma. Precisamos olhar o que nos cerca e louvar a Deus por suas bênçãos. Por que orar de olhos fechados? Aprendamos a cantar um novo cântico, mesmo que sejam apenas balbucios.

Parte 2: Os odres novos

11-12. Eternas crianças?

Nossas igrejas têm sido orfanatos, com um monte de bebês sem pais espirituais. Tudo o que temos lhes ensinado é descrito como “princípios elementares” (Hb 6.3) e “leite”. Os pastores e mestres foram chamados para edificar os santos e levá-los à maturidade (Ef 4.11-13). Isto acontecerá à medida que a própria liderança se firmar no Senhor. Todos devem crescer continuamente (tal como Paulo e Barnabé, que só foram enviados após serem edificadores da igreja local).

13. Membros ou discípulos?

Há diferença entre um monte de tijolos e um edifício. Para sermos casa espiritual (1Pe 2.5), precisamos nos submeter uns aos outros. Os pastores precisam ser modelos para o rebanho, ser pais que fazem discípulos, usando o princípio de multiplicação de Jesus. Ele formou 12 que formaram outros. Ser discípulo é aprender a ser como o mestre é. É transmissão de vida e não de informações.

14. Formação de discípulos

Temos que aprender a ser pais. O aprendizado não ocorre pelo ouvir e sim pelo obedecer. Jesus ordenou tarefas práticas, repreendeu (Lc 9.55; 10.20; Mt 16.23). Primeira lei do discipulado: sem submissão não há formação (Tt 2.15). Precisamos exortar os irmãos com amor e firmeza, sem medo de perdê-los para outro “orfanato”. Para que isto aconteça deve haver submissão. Segunda lei: sem submissão não existe submissão. A pessoa que repreende seus discípulos também precisa estar sujeita a alguém (Mt 8.7-9). Quem rejeita a autoridade sobre si também perde sua autoridade sobre os outros. O discipulado leva à formação de pequenos grupos (células), que são flexíveis no horário e forma de organização.

15-16. Santas tradições

As estruturas precisam sofrer mudanças à medida que crescemos. Vinho novo precisa de odres novos, pois os velhos estão enrijecidos. Nossas tradições nos cegam para o mover de Deus, tal como Pedro em At 10. A igreja bíblica deve ser teocrática e não sujeita à maioria de votos. Mas não podemos ter governo bíblico numa estrutura não bíblica. Assim como Deus não precisava dar um nome para Moisés porque ele é o único Deus (contrastando com os muitos deuses egípcios que precisavam de nomes para diferenciá-los), também não precisamos de nome para a Igreja. É apenas A Igreja, pois só há uma por localidade.

17-18. A célula

O discipulado deve começar com a sujeição dos pastores uns aos outros. Depois é feita a escolha de alguns discípulos em oração. Estes devem separar tempo para receber ensino e para transmiti-lo aos mais novos, reunindo-se em células durante a semana. Estas células devem ter de 5 a 8 pessoas, com o objetivo de se amarem (suprir suas necessidades mútuas) e de evangelizar também. O encontro da célula deve ter adoração (vida devocional) e estudo da Palavra (o mesmo assunto até ter se tornado prática do grupo). Não adianta estudar vários assuntos na mesma semana pois os ouviremos sem praticá-los.

19-20. A promessa do Pai

A nova aliança prometida por Deus é um novo coração disposto a obedecê-lo (Ez 36.26-27; Jr 31.31-34). Mais do que batismo do Espírito, precisamos buscar o seu fruto (Gl 5.22-23) e a sua plenitude. Precisamos entrar completamente no rio de Deus, para sermos levados para onde ele quiser.